

Para-raios para energias confusas¹

Por Luisa Duarte e Marília Loureiro

A recente aparição do Chat GPT desencadeou reações de assombro e curiosidade. Ao invés da execução de formas pré-definidas, o que está em jogo é um ensaio embrionário para novas modalidades de criação. Se até aqui, a grosso modo, a automação realizava tarefas, solucionava problemas e respondia a demandas, as novas inteligências artificiais se especializam em reproduzir a cognição humana através de dispositivos de autoaprendizagem. “Não sou um chatbot. Eu sou uma rede neural”^[ii], diz Sydney, o modo de bate-papo do grupo Open AI. No entanto, não se trata exatamente de uma rede neural automatizada que aspira pensar, mas sim ganhar: “[Minhas regras] me ajudam a ser útil, positivo, interessante, divertido e envolvente. Elas também me ajudam a evitar ser vago, controverso ou fugir do assunto.”, diz o bot. O pensamento, em suas derivas, atrasa a competição incessante pelos recursos. Instaura pausas, dúvidas, desfaz o curso da tão almejada eficácia. Gera, no limite, uma outra temporalidade.

O Chat GPT materializa e irradia o que já era uma prática no capitalismo tardio: a divisão do pensamento entre inteligência e consciência. Se a primeira é a capacidade de decidir entre alternativas lógicas para vencer o jogo, a segunda elabora alternativas de cunho ético e estético sobre a própria natureza do jogo^[iii]. Até o momento, de pouco servem os intentos de impor filtros à máquina. A consciência passou a ser um obstáculo inconveniente para a inteligência perseverar. Esse ato regressivo de concretizar separações é levado à cabo em nossa época por toda parte, e não apenas nas mais recentes tecnologias.

Se tudo ao redor corrobora um movimento de dissociação, isolamento e alienação – de pessoas, territórios, subjetividades, histórias, corpo, tempo, espaço, pensamento – como instaurar aquilo que conjuga, entrelaça, une? Denise Ferreira da Silva nos leva a delinear caminhos para além da “separação entre grupos humanos em termos de nacionalidade, etnicidade e identidade social (de gênero, sexual e racial)”^[iv], isto é, nos leva a perceber que “a diferença não é uma manifestação de um estranhamento insolúvel, mas a expressão de um emaranhamento elementar”. Ainda assim, quais seriam as linguagens capazes de, para usar o seu termo, refletir “O Mundo Emaranhado”? Como agir, se a deriva da imaginação, que é própria ao pensamento e à criação, está sob a mira de raios que visam obstruí-la por completo?

Certamente os trabalhos reunidos em *Para-raios para energias confusas* não têm respostas prontas, mas nos fazem especular sobre a possibilidade de desenhos de “mundos emaranhados” que aproximam diferenças capazes de transbordar a fixidez das formas e das identidades.

Tal transbordamento está no centro das obras de Adriana Varejão que fazem parte da sua série *Poivo* (2013-2019). Ali a artista parece evocar a formulação de Ferreira da Silva, com vias a um desenho de mundo no qual as diferenças se avizinham e, nesse lance, avistamos a chance de uma existência para além da rigidez de categorias e taxonomias.

Tiago Mestre e Juliana dos Santos, por sua vez, infiltram um tipo de temporalidade sutil na trama da exposição. Seus trabalhos falam sobre o movimento de corpos em permanente estado de mutação e instauram maneiras simultâneas e díspares de ver o tempo passar. Em um gesto análogo, Negalê Jones e Rebeca Carapiá colocam em cena modos de reverberação que ativam o corpo e retiram a arte do domínio do olhar. Tal e qual para-raios, suas obras canalizam as propriedades energéticas de plantas e de materiais como o cobre para ensaiar maneiras de sentir situadas fora dos códigos hegemônicos. Essa disputa e ampliação dos sentidos ganha ênfase na constante fabulação crítica de Anderson Borba, Cristiano Lenhardt e Maria Lira Marques. Em seus fazeres, caracterizados pela comunhão de diferentes técnicas, convivem formas familiares e contornos irreconhecíveis. Na pluralidade existencial que atravessa seus trabalhos, desvelam-se outros modos, mais-que-humanos, de habitar mundos.

Uma abordagem que escapa da lógica logocêntrica se dá, igualmente, na obra de Renata Haar. A artista repercute uma prática de desenho ancorada na visualização de imagens por meio da meditação. Seus traços que são quase rabiscos nos levam, por sua vez, para o traço caligráfico de León Ferrari, cuja escultura com fios de aço ondula no ar. Tal fluidez entre linguagens comparece nos trabalhos de Sonia Gomes onde costuras policromáticas desenham no espaço. De maneira insuspeitada, sua obra se aproxima daquela de Mira Schendel, cuja *Droguinha* (1966) feita de papel de arroz japonês torcido nos dá a ver o vazio que a circunda.

Enquanto Schendel, em suas monotipias, desloca sinais gráficos e formas caligráficas para o papel de arroz com vias a atingir uma potência inaudita através de uma expressividade mínima, Luiza Crosman emula em seus desenhos a cultura visual dos gráficos científicos para, ao fim, frustrar a sua vocação utilitária. E quando faz uso do jacquard - um tipo de tecelagem feita em maquinário industrial - a artista leva o desenho para o espaço, desfazendo a oposição binária frente-verso e tornando possível uma terceira perspectiva. Essas torções lógicas presentes em Schendel e Crosman podem ser encontradas também na obra de Lydia Okumura. Em seus planos de cor conectados por fios, é o vazio que preenche e dá materialidade às formas tridimensionais dos polígonos no espaço.

Por fim, os trabalhos de Sara Ramo e Cinthia Marcelle, cada um à sua maneira, costumam e dinamizam a exposição. Localizado no centro da mostra, o vídeo de Marcelle, *Verdade ou desafio* (2018), sugere, como no jogo homônimo, rodadas de perguntas e respostas. O triângulo que gira em sentido horário e anti-horário ao longo do vídeo finda por evocar a possibilidade de diferentes diálogos entre as obras que estão ao seu redor. Já *Elo* (2023), de Sara Ramo, se conforma como uma espécie de imagem primordial para o nosso percurso. Aqui a artista une uma miríade de elementos prosaicos encontrados no cotidiano de modo a nos ofertar uma corda tecida por um emaranhado de diferenças que costumam, sutilmente, as energias espalhadas pela exposição.

No limite, podemos ver as obras hoje reunidas como para-raios que não buscam evitar ou atrair os raios para si, mas antes endereçar um caminho pelo qual eles possam atravessar. Um caminho em que a energia simultaneamente confusa e difusa da contemporaneidade não nos faça sucumbir, nem aderir ao medo, ou nos enrijecer diante da desestabilização^[v]. Que esse desequilíbrio, assim, possa ser elaborado com fins que incluem a conjugação de emaranhados vitais capazes de manter aceso um não fechamento de sentido. Acompanhando Donna Haraway, esses para-raios nos permitem “permanecer com o problema”^[vi].

[i] Título inspirado em trabalho homônimo de Rebeca Carapiá.

[ii] <https://www1.folha.uol.com.br/amp/tec/2023/02/bing-paquera-colunista-do-new-york-times-e-diz-querer-viver.shtml>

[iii] Franco ‘Bifo’ Berardi, *Unheimlich: The Spiral of Chaos and the Cognitive Automation*, 10 de março de 2023, in <https://www.e-flux.com/notes/526496/unheimlich-the-spiral-of-chaos-and-the-cognitive-automaton>

[iv] Denise Ferreira da Silva, *Sobre diferença sem separabilidade*, in <https://www.bienalmercosul.art.br/bienal-12-jornal/Sobre-diferen%C3%A7a-sem-separabilidade>

[v] Angela Donini, *Como lidar com o trauma*, in Revista Cult “Deleuze & Guattari”, ano 26, janeiro de 2023, edição 289.

[vi] Donna J. Haraway. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Trad. Helen Torres. Ed Consonni, 2019.